

## **CORPOS E SABERES DECOLONIAIS ARTE-CULADOS NA SILVESTRE ASSOCIAÇÃO CULTURAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-383>

**Data de submissão:** 27/04/2025

**Data de publicação:** 27/05/2025

**Marcela Botelho Brasil**

Bolsista CAPES de Doutorado em Educação e Contemporaneidade  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
E-mail: marcelabbrasil@gmail.com

**Rodrigo Santos Carvalho**

Especialista em Arte Educação: cultura brasileira e linguagens artísticas contemporâneas  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
E-mail: prof.rscarvalho@gmail.com

**Lívia Alessandra Fialho da Costa**

Doutora em Antropologia e Etnologia (EHESS-Paris)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
E-mail: fialho2021@gmail.com

### **RESUMO**

O artigo narra e analisa experiências artísticas e educativas promovidas pela Silvestre Associação Cultural durante a pandemia da Covid-19, através da série de workshops performances intitulada Vamos Arte-cular. Essas ações online e/ou híbridas integraram dança, oralidade e ancestralidade como formas de resistência, conexão e construção de conhecimentos decoloniais. O texto valoriza a dança como prática pedagógica, espiritual e política, destacando a figura central da Mestra Rosangela Silvestre e o impacto de mais de 30 artistas. O trabalho se estrutura a partir de uma perspectiva vivencial e metodológica não convencional, de forma a priorizar a abordagem acadêmica a partir de saberes ancestrais, experiências corporais e metodologias artísticas. Destaca-se a necessidade do reconhecimento das potências da oralidade, do corpo como memória e episteme, e da arte e da dança como meios de cura e transformação social.

**Palavras-chave:** Corpos. Educação decolonial. Dança. Ancestralidade. Workshop Performance.

## 1 INTRODUÇÃO

A ação Vamos Arte-cular foi promovida pela Silvestre Associação Cultural em tempos de pandemia de Covid-19. Entre junho de 2021 e março de 2022, aconteceram 18 workshops performances, de maneira online e/ou híbridos, experienciados com tanta intensidade que resultaram no trabalho apresentado à Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) através do artigo “Vamos Arte-cular com a Silvestre Associação Cultural: insurgência decolonial da Dança para a Arte Educação” (BRASIL; CARVALHO, 2022). Naquela ocasião, o artista visual Rodrigo Chakra<sup>1</sup> e a artista cênica Marcela Brasil produziam muitas obras sob as provocações e inspirações do curso de Especialização em Arte-Educação: cultura brasileira e linguagens artísticas contemporâneas, da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Este presente texto, se faz, assim, do recontar e ampliar desta história, com a adição das reflexões das últimas pesquisas, em especial, do doutorado<sup>2</sup> em andamento, que tem como objeto de estudo a relação corpo e educação<sup>3</sup>.

Revisitar esses eventos significa dar foco a questões que operam na educação informal através de propostas artísticas, sobretudo da área da Dança. Este novo arte-cular de corpos, educação e decolonialidade está alinhado com ideias de Lívia Costa (2008), Vânia Oliveira (2022), Adinelson Souza Filho (2022), Alessandra Souza (2022), Nêgo Bispo (2021), Leda Marias Martins (2021), Marcela Brasil e Rodrigo Carvalho (2022), e propõe um registro sensível do nascimento da Silvestre Associação Cultural através das experiências intituladas Vamos Arte-cular, realizadas em 2021 e 2022. A partir de um trabalho, realizado durante a pandemia, envolvendo aulas de dança, práticas corporais e convite a experiências que rememoravam a vida, a ancestralidade e a memória, emergiram reflexões, tornadas elementos relevantes para uma pesquisa sobre corpo. Seguindo um método que se construiu à medida que as provocações inspiravam percepções, foram mapeadas heranças de corpo que pareciam permanecer *familiares* aos interlocutores do trabalho. Na

<sup>1</sup> Rodrigo Chakra é nome artístico de Rodrigo Santos Carvalho, artista visual, administrador (FACOC), pedagogo (FABRAS) e especialista em Arte-Educação (UFBA). Foi membro fundador da Silvestre Associação Cultural.

<sup>2</sup> A tese “Corpo, logo existo: epistemologias de corpo a partir de teses em educação no Brasil”, em curso, é de autoria de Marcela Botelho Brasil e está sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia Fialho da Costa. A tese tem sido desenvolvida com apoio da CAPES, através de uma bolsa de Demanda Social (DS) no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante o percurso doutoral, Marcela foi também contemplada com a Bolsa CAPES do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), realizado em Portugal no período de setembro de 2023 a junho de 2024, com atividades sediadas no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), sob a supervisão do Prof. Dr. Vítor Sérgio Ferreira. Artista da Dança com carreira nacional e internacional, Marcela Brasil é professora de Educação Física, Yoga e outras diversas corporalidades, que incluem a Técnica Silvestre de Dança. É membro-fundadora da Silvestre Associação Cultural.

<sup>3</sup> A produção está associada ao Grupo de Pesquisa Educação, Desigualdades e Diversidades (UNEB) e está relacionada ao projeto guarda-chuva “Religião na escola e na família: continuidades e descontinuidades em espaços de socialização” (CNPq Chamada Editorial Universal. Processo nº408309/2021-0).

Antropologia, o corpo é estudado como uma construção social e cultural. Disso decorre que, epistemologicamente, é necessário fazer deslocamentos e desnaturalizar o corpo como um dado biológico. À antropologia interessa, portanto, compreender como as diferentes culturas e sociedades moldam a percepção e o uso do corpo, suas atribuições, suas interdições. O corpo, assim, ganha contornos inevitáveis, performados por questões relacionadas ao gênero, à etnia, à percepção de saúde e doença, ao invisível da ancestralidade e à concretude estrutural do “quem eu sou”. Os fatores sociais que influenciam a experiência e a percepção do corpo são amplamente estudados pelas Ciências Sociais, campo do saber que se interessa pelas diversas dinâmicas que definem atribuições de signos e significados às práticas corporais – dança, rituais, performances, esportes, tatuagens, *body modifications* e outras formas de expressão corporal. O corpo é tomado como objeto do olhar antropológico, seja na dimensão do seu uso como ferramenta para interagir com o mundo ou como espaço de disciplinamento, através do exercício de poder e controle de instituições e práticas. Mais contemporaneamente emerge o interesse de investigar como o corpo é medida para a construção e manutenção de desigualdades – em particular, entre os gêneros, nas questões de sexualidade e violência contra a mulher e a comunidade LGBTQIA+.

Em um mundo colonizado por homens brancos, a dança sempre foi território de resistências, com destaque para a atuação das mulheres e de pessoas de diversos gêneros e sexualidades. Neste lugar, o olhar sobre corpo e educação ganha outras dimensões, e mergulhar neste universo é essencial para reconhecê-lo não apenas como sensível, mas sobretudo como epistemologia, ou seja, um espaço marcante de construção de conhecimento.

As ações estudadas revelam grande participação destes corpos como condutores dos trabalhos e fontes de inspiração, de forma a abraçar as diversidades ao invés de isolar as singularidades. Corpos negros, mestiços, estrangeiros, cisgêneros, não-binários, hetero ou homoafetivos compartilham danças em *família* – concebida de maneira também ampliada neste contexto. Neste lugar de movimento(s), investiga-se a corporalidade com atenção à presença identitária e à linguagem, que além de oral e ancestral, é musical, dançante, artística e educacional.

A estrutura do texto se apresenta em quatro movimentos: um breve histórico da Silvestre Associação Cultural, que relembra os tempos de pandemia de Covid-19 e elabora fundamentos metodológicos que orientam a escrita; um grande desfile com a exposição das 18 ações ou *workshops performances* da série *Vamos Arte-cular* – e os saberes entrelaçados a elas; uma discussão sobre o processo e seus resultados com considerações sobre corpo, memória, espiritualidade e educação decolonial; e as considerações finais, que, à maneira de Nêgo Bispo (2021), não encerram, mas retornam ao começo, em ciclos de continuidade.

## **2 SILVESTRE ASSOCIAÇÃO CULTURAL: BREVE HISTÓRICO, ANTES DA HISTÓRIA**

A Silvestre Associação Cultural nasceu em plena pandemia de COVID-19. Com o imenso desafio de encontrar alternativas em meio à situação emergencial de proliferação do Coronavírus – que provocou um forçado isolamento social e o fechamento de centros de arte, cultura e dança – a professora Rosangela Silvestre<sup>4</sup> deu início à jornada dos processos de treinamento em Técnica Silvestre online. No Brasil, essas repercussões de isolamento se efetivaram em março de 2020, tempo de reunião e organização de parte da *família* que entraria nesta jornada sob a convocação de Rosangela Silvestre: Vera Passos, Deko Alves, Tamara Williams e Marcela Brasil fizeram parte deste primeiro núcleo, que foi se ampliando progressivamente.

A sugestão sobre a plataforma mediadora das experiências veio da Austrália, numa simples pergunta de Izzy Washington: você conhece o Zoom? Para atender aos muitos pedidos naquele momento delicado, quem não conhecia, passou a conhecer o *Zoom Cloud Meetings*, um aplicativo de videoconferências para reuniões que oferece recursos de vídeo, áudio, mensagens, compartilhamento de tela, dentre outros, e que foi o meio eleito para hospedar as vivências da Técnica Silvestre online, iniciadas em abril de 2020 e cuja oferta já perdura há mais de cinco anos.

Essas aulas através da plataforma Zoom tiveram uma grande adesão para a prática da *Silvestre Technique*<sup>5</sup> e esta rede de pessoas espalhadas por todo o mundo e interessadas no estudo desta técnica de dança com raízes brasileiras foi, não apenas a geradora de lindas descobertas e possibilidades da dança mediada por tecnologia, como também se mostrou essencial para agregar apoiadores para a causa que foi se fortalecendo nesse percurso.

Chamados, assim foram anunciadas certas missões durante essa trajetória. Muitos chamados convocaram às aulas online, e a escuta - inclusive interna, de novos chamados fez surgir o desejo por um espaço físico para esta técnica. Para ajudar a angariar fundos financeiros, outros eventos online foram planejados, em ações que aconteceram entre dezembro de 2020 a março de 2021, em parceira com professores de Técnica Silvestre, estudantes, instituições e apoiadores da causa. Assim, a

---

<sup>4</sup> Rosangela Silvestre é coreógrafa, dançarina, instrutora e criadora da Técnica Silvestre, com reconhecida atuação nacional e internacional em processos formativos desde os anos 1980. Natural de Salvador, Bahia, ela é graduada em Dança e pós-graduada em Coreografia (UFBA). Artista com vasta experiência técnica e musical, é também responsável pela direção geral dos programas de treinamento Intensivos anuais de Técnica Silvestre em Salvador, além de viajar para múltiplos cursos e atuações no Brasil e no exterior, em trabalhos que alcançam países de vários continentes.

<sup>5</sup> Silvestre Technique é a tradução para o inglês de Técnica Silvestre. O termo surgiu nos Estados Unidos para designar as aulas de Miss Rosangela Silvestre, pelo reconhecimento do caráter único de seu trabalho, que revelou ao mundo uma Técnica de Dança própria, resultado dos estudos, criações e visualizações desta mestra. Em inglês, encontra-se ainda o termo Silvestre Dance Technique ou Técnica Silvestre de Dança, que ressalta a natureza artística deste fazer-saber. Para que não seja erroneamente interpretado, o termo Silvestre é grafado com inicial maiúscula, por ser oriundo do sobrenome da criadora. Outra ressalva é a tradução simultânea durante as aulas desta técnica e a preocupação de anúncios que sejam compreensíveis, pelo menos, em língua portuguesa e inglesa, já que a demanda de pessoas estrangeiras é alta na procura destes processos de treinamento.

campanha de imenso sucesso atingiu seu objetivo em apenas quatro meses, quando foram recebidas as chaves do espaço situado em um dos andares do Edifício Rubi, na Praça da Sé, Centro Histórico da cidade de Salvador, estado da Bahia – Brasil.

O espaço possuía janelas mágicas com vista mar, e muito trabalho a ser feito. Ainda em meio à pandemia, novas ações online foram idealizadas para colaborar com esses custos de transformação e manutenção desta nova casa de dança, de arte, cultura e educação. Deste modo, nasceu o projeto *Vamos Arte-cular*, que teve seu primeiro *workshop performance*<sup>6</sup> realizado em junho de 2021. Expõe-se estas datas, para que se note que considerar apenas o marco burocrático de fundação da Silvestre Associação Cultural – em dezembro de 2021, é apenas mais um passo dessa longa caminhada, que tem na presença de Rosangela Silvestre, a força de uma mulher que forma *famílias* para movimentar comunidades. A potência de seus trabalhos, artes e estudos são fundamentos antecedentes a qualquer conquista desta Associação.

A aquisição do Espaço Silvestre alicerçou a organização desse grupo não-governamental e em dezembro de 2021, a Silvestre Associação Cultural<sup>7</sup> foi registrada oficialmente, como um espaço aberto de representação e continuidade para atuação de projetos, eventos, estudos e aprofundamentos em diversas expressões artísticas e educacionais, de forma a integrar culturas em âmbito nacional e internacional, sob a definição de

uma associação que objetiva desenvolver e apoiar projetos nas áreas sociais, educacionais, culturais, artísticas, científicas, ambientais e de cidadania, tendo a arte como ferramenta de ação e de integração do público diverso, considerando a hierarquia e cronologia de famílias, grupos e comunidades, respeitando os costumes e tradições. Integração que se estende a povos e culturas do mundo, de maneira a evidenciar pontos de convergência que quebram barreiras e propagam a criatividade em ações humanitárias abrangentes. (SILVESTRE ASSOCIAÇÃO CULTURAL, 2020).

Deste modo, calorosamente situada no coração do Pelourinho – centro histórico de Salvador, Bahia – e consciente da complexidade de uma diversidade de esferas - social, educacional, cultural, artística, ambiental e de cidadania, a Associação segue a promover atividades diversificadas além dos estudos na Técnica Silvestre de Dança. As ações *Vamos Arte-cular*, foco deste estudo, são apenas uma pequena amostra das possibilidades que esta *família diversa infinita universal* pode reunir.

<sup>6</sup> Cada nomenclatura, além da preocupação em comunicar em português e inglês, era bastante refletida quanto concepção da ideia. Os workshops performances foram concebidos para serem aulas participativas que em algum momento podiam apresentar uma obra para apreciação, uma produção ou conjunta, incluindo e reconhecendo o próprio workshop enquanto possibilidade de performance.

<sup>7</sup> Mais informações podem ser encontradas na página web da Silvestre Associação Cultural, disponível através do link: <<https://www.silvestreassociacaocultural.com>>.

A metodologia deste estudo é permeada pelos acontecimentos destes eventos e foi inspirada em epistemes artísticas. Primeiramente, fazer passar um desfile de celebridades, algumas das mais renomadas da dança, que trabalham com temas diversos da diáspora africana e da cultura brasileira. Apreciar este desfile ao mesmo tempo em que se tenta ofertar o sabor de cada evento, traz imagens que são concebidas como texto, e que dizem *mais do que mil palavras*, além de revelar rostos e pessoas que deram corpo a essas ações. Aproximar da circunstância acadêmica este material que foi contemplado pelas redes sociais, é também um modo de trazer essas presenças para a cena universitária e, não apenas, mantê-las no campo artístico, cultural, social, de cidadania – é trazê-las também para o meio científico, ainda que seus trabalhos já sejam plenamente irrigados de pesquisa, história, memória, ancestralidade.

Destarte, o artigo narra e analisa experiências de corpo e educação promovidas pela Silvestre Associação Cultural em tempos de pandemia de Covid-19, com metodologia inspirada na vivência da série *Vamos Arte-cular*, ações online e/ou híbridas com propostas artísticas que integram dança, oralidade e formas de resistência, numa construção de saberes decoloniais.

A apresentação dos eventos segue uma linha cronológica, mas, ao mesmo tempo, convoca ao pensamento do tempo espiralalar (MARTINS, 2021), desenhando em linhas retas, corpos que dançam com suas memórias em movimento. Ao dissertar sobre cada *Arte-cular*, o intuito não é unicamente registrá-los, mas, sobretudo, permitir que seus corpos, revelados em gestos, vozes e saberes-poderes pulsantes, reverberem em novas escutas, leituras e possibilidades.

### **3 AS AÇÕES *VAMOS ARTE-CULAR*: UM DESFILE DE WORKSHOPS PERFORMANCES**

Nesta seção, serão apresentadas imagens relacionadas às oficinas com os objetivos de: revelar cada artista, pois a imagem do corpo já diz muito; apreciar um outro modo leitura, de interpretação mais aberta, como contemplar uma obra de arte; expor materiais de divulgação e suas identidades visuais, de forma a preservar um arquivo de memórias dos eventos; trazer leitores para dentro de algumas cenas, como um convite a assistir um espetáculo; refletir sobre imagem como texto; dentre outros.

O primeiro evento trouxe a família consanguínea. Com o tema *Simbologia de Orixá: Herança e Inspiração*, o abre-alas da ação *Vamos Arte-cular* celebrou o encontro entre mãe, filha e filho:

a Yalorixá Mainha da Bahia<sup>8</sup>, Rosangela Silvestre e Marivaldo dos Santos<sup>9</sup>. Esse workshop performance foi transmitido diretamente do espaço da Silvestre Associação Cultural, no dia 19 de junho de 2021. Estes artistas foram responsáveis por momentos de profunda inspiração, criatividade e integração do sagrado à expressão artística através de uma memória ancestral dançada e sonorizada em família.

Vamos Arte-cular com Marivaldo dos Santos, a Yalorixá Mainha da Bahia e Rosangela Silvestre



**Fonte:** Arquivo pessoal. Foto de Marcela Brasil, 2021.

Rosangela se coloca com estes familiares para abrir os caminhos desta Associação. Ainda em tempos de pandemia, todos os apoiadores para a transmissão usavam máscaras para proteger

<sup>8</sup> Maria de Lourdes Silvestre dos Santos, a Yalorixá Mainha da Bahia, tem cargo de herança hierárquica da tradição sagrada africana no Brasil, sendo sucessora e zeladora de uma família que mantém a prática religiosa de culto africano. Referência da expressão de memória, comportamento e sabedoria ancestral, a Yalorixá orienta artistas, estudantes e pesquisadores, em projetos que buscam nas manifestações sagradas e culturais do Candomblé, uma fonte sagrada de inspiração.

<sup>9</sup> Marivaldo dos Santos é músico, instrumentista, compositor, produtor e performer, que promove a fusão entre a percussão baiana e a linguagem do aclamado grupo americano Stomp, do qual é membro e integrante do show da Broadway por mais de 20 anos, como solista e músico líder em diversas turnês mundiais. Atualmente, ele tem transitado constantemente entre Brasil e Estados Unidos para integrar as ações sociais, artísticas e educacionais do projeto Quabales e do grupo Stomp.

especialmente a anciã Yalorixá, que foi homenageada com um quadro de Oxum ao final da performance. As simbologias ofertadas nas aulas de dança, caminham juntas pelas estradas das experiências de vida. Ancestralidade e memória extremamente vivas nestas heranças e inspirações.

O evento seguinte foi realizado no dia 17 de julho de 2021 e trouxe a beleza dos blocos afro com a presença da Rainha Vânia Oliveira<sup>10</sup>, que com a realeza de seus movimentos e gestos ensinou o amor, o carinho, o respeito e a ancestralidade, vívidas nos corpos que movem. Com a união aos elementos da natureza, foram mergulhadas as mãos na Terra para buscar nas Águas, as forças femininas que são levadas pelos Ventos pra chegar ainda mais brilhante com os Raios de Fogo e beleza das Deusas.

Card do Workshop Performance Vamos Arte-cular com Vânia Oliveira



Fonte: Material de divulgação, 2021.

Para deixar um *gostinho* deste evento, tira-se proveito do meio digital desta publicação, que permite com facilidade o acesso a hiperlinks, e então, compartilha-se uma música que evoca as Negras Perfumadas<sup>11</sup> do Bloco Afro Ilê Aiyê em diálogo com a citação da Rainha Vânia Oliveira, que afirma em sua dissertação de mestrado que “a Deusa do Ébano é a representação da valorização,

<sup>10</sup> Vânia Oliveira é uma mulher negra, candomblecista e artivista fortemente ligada aos blocos afro de Salvador, tendo sido Rainha do Malê Debalê e Princesa do Ilê Aiyê. Com formação acadêmica em Dança e História Afro-Brasileira, atualmente é doutoranda na UFBA e professora efetiva de Dança na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Já lecionou na UFBA, coordenou a Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e atuou na Polícia Militar da Bahia por muitos anos. É pesquisadora e difusora das aulas de Dança(s) de Blocos Afro, ministrando workshops no Brasil e no exterior, promovendo a história e a valorização da cultura afro-brasileira através da dança.

<sup>11</sup> A música Negras Perfumadas, interpretada nesta versão pelo grupo Ilê Aiyê - ao vivo na Concha Acústica do Teatro Castro Alves em Salvador, para a gravação de seu DVD 40 Anos – Bonito de se ver, em 31 de janeiro de 2013, é uma canção de exaltação à beleza e à cultura afro-brasileira, entrelaçada à uma narrativa de amor e admiração ao primeiro bloco afro do Brasil, que tem uma trajetória marcada pela valorização da identidade negra e pela luta contra o racismo. Produção audiovisual disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=63n-LJAPINw>>.

autoconhecimento e elevação da autoestima da mulher negra contrapondo ao sistema excluente e racista. O corpo da mulher negra ganha outra conotação neste contexto” (OLIVEIRA, 2016, p.113).

Paralelamente às ações de workshops performances, foram promovidas *Lives* ou sessões ao vivo de diálogo no Instagram da Silvestre Associação Cultural<sup>12</sup> - Com mediação e traduções de Marcela Brasil, as pessoas convidadas eram guiadas pela simbologia dos três triângulos da Técnica Silvestre de Dança para falar sobre suas inspirações, expressões e equilíbrios. Essas *Lives* se mostraram essenciais para divulgação dos trabalhos e estudos de cada artista, em diálogos que deixaram marcado na oralidade muitas trajetórias fantásticas e aprendizados singulares que destacam o poder do corpo e da oralidade em fazeres-saberes diversos.

Card da *Live* Vamos Arte-Cular com Nartan Lemos, Lúcia Cordeiro e Dill Costa



Fonte: Material de divulgação, 2021.

Ainda em julho de 2021, foram realizados outros dois eventos *Vamos Arte-cular*: com Nartan Lemos<sup>13</sup> e participação especial de Lúcia Cordeiro<sup>14</sup>, que em dupla entrelaçaram uma experiência de *Dança Vital* a danças circulares numa vivência dinâmica dos princípios *Yin/Yang* (feminino e masculino) através dos arquétipos dos cinco ritmos; e a experiência híbrida de *Samba Jazz* com Dill Costa<sup>15</sup>, que reuniu presencialmente estudantes em Chicago a participantes online de diversas

<sup>12</sup> O Instagram da Silvestre Associação Cultural é @silvestreassociacaocultural e pode ser acessado através do link: <<https://www.instagram.com/silvestreassociacaocultural/?e=5ce60761-6331-4c20-883b-ca176e950c35&g=5>>.

<sup>13</sup> Nartan Lemos é psicóloga, terapeuta corporal e dançarina. Desenvolveu seu próprio método que une várias técnicas de dança arteterapia e meditação: o *Dança Vital*.

<sup>14</sup> Lucia Cordeiro é dançarina, terapeuta corporal, coreógrafa e trabalha com as Danças Circulares Sagradas dos Povos.

<sup>15</sup> Dill Costa é atriz, cantora, instrutora de dança na Old Town School of Folk Music e L&A Healing Studio, em Chicago, Estados Unidos além de Performer com os grupos musicais Bossa Três e Dill Costa Quartet.

localidades, de forma a celebrar as muitas possibilidades do samba, dos pés que pulsam a vibração de uma raiz alimentada também por diversidades.

Em 21 de agosto de 2021, o *Vamos Arte-cular* apresentou o workshop performance *In-Corp-Orar*, liderado por Rosangela Silvestre em conjunto com Deko Alves<sup>16</sup>, Hélio Oliveira<sup>17</sup>, Cléber Trindade<sup>18</sup> e Adinelson Àkànbí Odé<sup>19</sup>, projeto que, pós-pandemia, ganhou outra edição com apresentação em um terreiro de candomblé. *In-corp-orar*, reflete sobre o Corpo Templo como revelador da fonte de permissão do ser sagrado, que se desvela, expressa e fortalece por integrações de profundidade.

Divulgação do *Vamos Arte-cular* com o workshop performance *In-corp-orar*



Fonte: Material de divulgação, 2021.

*In-corp-orar*, assim como *Arte-cular*, nasce de um jogo de sonoridades que transforma movimento em oralidade, oralidade em movimento. Os trocadilhos que nomeiam muito dos eventos e fazem brincar palavras em diversas línguas, pode ser associado a tradições africanas, como destaca Adinelson (SOUZA FILHO, 2022), mestre em Literatura e Cultura pela UFBA, que nos ensina sobre a força da palavra para os nàgó-yorùbá:

<sup>16</sup> Deko Alves é multiartista sediado na dança, coreógrafo, bailarino, arte educador e discente do Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Arte – cinema e audiovisual da UFBA.

<sup>17</sup> Hélio Oliveira é artista, dançarino, professor e coreógrafo com formação profissional técnica em Dança pela FUNCEB.

<sup>18</sup> Cleber Trindade é dançarino, ator, artista de make-up, com formação profissional técnica em Dança pela FUNCEB.

<sup>19</sup> Seu nome civil é Adinelson Farias de Souza Filho, educador, artista visual, doutorando e mestre em Literatura e Cultura pela UFBA. Ressalta-se que sua dissertação de mestrado será citada neste artigo segundo as normas da ABNT, que o transformam em Souza Filho (2022).

O termo yorùbá Ọrò (oró) refere-se à palavra, podendo também ser utilizado para assunto, expressão, texto ou fala, dependendo do contexto. Em sociedades ditas orais como a yorubana, a oralidade está sujeita a muitas regras e funções sociais importantes. Falar não é um simples ato de trocar informações cotidianas, mas, sobretudo, de ligar passado e presente, de tecer a memória pela palavra segundo suas regras, formas de produção, expressão, transmissão, atravessando o tempo e perpetuando a própria sociedade que a produz entre as outras. A língua e a literatura vivas e em ação (SOUZA FILHO, 2022, p.39).

Destarte, pode-se refletir como os *arte-cular* ou *in-corp-orar* tornam-se, não apenas, palavras recheadas de intenção e sentidos, como também celebram memórias vívidas de ancestralidades, ao criar os termos que serão transformados em movimentos através da dança.

Brincando também com as palavras, em 25 de setembro de 2021, o convidado a *arte-cular* foi Lino Amilton Lino<sup>20</sup>, que após sua vibrante aula de *Dança Afro Contemporânea* presenteou a comunidade online com a frase: “O suor é o poder da nossa energia”. A água que transbordou dos corpos após os movimentos propostos por Lino é reconhecida como um banho de nutrição, que convoca a continuidade de vozes da ancestralidade através deste regar, que acolhe humanidades. O artista trouxe uma videodança como performance final para seu workshop.

Cena da videodança apresentada por Amilton Lino durante seu workshop *Vamos Arte-cular*



**Fonte:** Arquivo pessoal. Registro de Marcela Brasil, 2021.

Os corpos-sementes são regados e revelados pela dança, que segue essa vibração com o evento seguinte, ao experienciar a profundidade do *Samba de Malandro* com Carlinhos Pandeiro de Ouro<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Amilton Lino dos Santos é bailarino, professor, coreógrafo e músico, atuante na expressão da Dança Afro Contemporânea, que tem como sua base e diferencial, a sua vasta experiência no universo da dança no Brasil e no exterior.

<sup>21</sup> Carlos de Oliveira é músico, compositor, poeta e ficou conhecido como Pandeiro de Ouro ao ganhar, em 1966, o prêmio de melhor tocador do Brasil, após superar 500 tocadores. A forma como Carlinhos tocava pandeiro tornou-se bastante teatral, com malabarismos e acrobacias sem precedentes, que o fez trabalhar profissionalmente com alguns dos músicos e compositores mais importantes do Rio de Janeiro. No seu vasto currículo e gloriosa trajetória, destaca-se a participação no filme “Orfeu Negro” em 1959, quando tinha 14 anos de idade. Depois de correr por muitos países, hoje reside em Los Angeles declarando que sempre voltará ao Rio.

e Aninha Malandro<sup>22</sup>, pai e filha que carregam a nata do samba do Rio de Janeiro em seus corpos e corações. Imensamente envolvidos com o samba desde as infâncias, estes artistas recriam a força da herança cultural e ancestral experimentada no primeiro workshop performance da ação *Vamos Artecular*. A potência da presença maternal da Yalorixá, mãe de Rosangela Silvestre, é complementada pela força paterna do Pandeiro de Ouro, pai de Aninha Malandro, que se enlaçam em ciclos de continuidade apesar das diferentes temáticas de abordagem.

Divulgação realizada pelo *International Samba Congress* (ICS)



Fonte: Material de divulgação, 2021.

Quem liderou os movimentos deste workshop de samba foi Aninha Malandro, que cresceu respirando o gênero que hoje é referência cultural quando se fala do Brasil. O talento do pai, Carlinhos Pandeiro de Ouro e o gingado da mãe, Ana Gomes, faz parte da inspiração de vida em que Aninha, também como psicóloga, residindo em Los Angeles, trilha o caminho do compartilhamento dessa herança, com os amantes do samba que participam dos “encontros” que é como Aninha chama suas aulas, sendo conexões explícitas do sentido do *Samba Cura*. Aninha Malandro é importante apoiadora da Silvestre Associação Cultural e agregou presencialmente a comunidade sambista de Los Angeles

<sup>22</sup> Ana Carla Laidley é uma psicóloga brasileira com Doutorado em Psicologia Aplicada pela The Chicago School of Professional Psychology, e professora de samba que construiu uma trajetória de sucesso nos EUA. Ela é idealizadora e fundadora de um dos mais respeitados e prestigiados eventos de samba da Califórnia: o International Samba Congress.

neste evento híbrido que aconteceu no dia 17 de outubro de 2021 e celebrou a essência, a herança e a realeza do samba carioca.

Ainda no clima do samba, no dia 23 de outubro de 2021, Lorin Hansen<sup>23</sup> e Mason Aeschbacher<sup>24</sup> compartilham suas descobertas nas vivências com o Samba, que levou ao surgimento da companhia *Samba Fogo*, nascida pela paixão e respeito ao sagrado na cultura brasileira. Mesmo em tempos de pandemia, a companhia Samba Fogo se reuniu para apresentar a performance final deste workshop.

Divulgação do Workshop Performance *Samba da Terra* com Lorin e Mason



Fonte: [@silvestreassociacaocultural](https://www.instagram.com/silvestreassociacaocultural/) - material de divulgação, 2021.

O intenso mês de outubro *fechou com chave de ouro* por conta das presenças de José Ricardo<sup>25</sup> e Nildinha Fonseca<sup>26</sup>, este renomado casal de artistas integrantes do Balé Folclórico da Bahia e

<sup>23</sup> Lorin Hansen é percussionista, dançarina e coreógrafa. Ela é duas vezes campeã internacional de samba e bolsista da divisão de artes e museus de dança de Utah em 2021. Lorin é graduada em Dança Moderna pela Universidade de Utah e, em 2017, foi eleita a "Melhor dançarina individual" em Utah. Lorin é a diretora artística e fundadora da companhia Samba Fogo, um conjunto de música e dança além de escola comunitária que atinge milhares de alunos em Utah. Lorin acredita fortemente no poder da dança e é também a diretora artística e fundadora do Return Dance Project.

<sup>24</sup> Mason Aeschbacher é um músico e percussionista multi-talento. Mestre em música pela Universidade de Utah, Mason é o diretor musical da Samba Fogo, uma organização de artes cênicas sem fins lucrativos que apresenta e ensina música e dança de inspiração brasileira em Utah. Mason acompanha aulas de dança há mais de 15 anos e dá aulas particulares de bateria e percussão, online e presencial.

<sup>25</sup> José Ricardo é Músico, Dançarino, Coreógrafo e Educador através da arte da dança e da música. Professor no Serviço Social do Comércio (SESC). Pesquisador das danças de Matriz Africana e religiosas do candomblé. Diretor musical e Músico titular da Cia Balé Folclórico da Bahia. Criador dos projetos: Memória King de Dança, Encontro dos Artistas, Grupo Folclórico Axé Bahia. Atuante no cenário artístico baiano desde 1983, onde assina com o nome artístico Zé Ricardo.

<sup>26</sup> Cleonildes Maria Matias da Fonseca Santos é mãe, mulher preta, candomblecista, professora de dança e pesquisadora das danças de matriz africana e folclore brasileiro, além de coreógrafa, dançarina principal, assistente de direção e coreografia do Balé Folclórico da Bahia. Mestranda em Dança pela UFBA, Nildinha Fonseca assumiu em 2024 a direção do Centro de Formação em Artes da FUNCEB, tornando-se responsável por gerir a Escola de Dança e os cursos de Música e Teatro ofertados por esta unidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado.

propositores de outros importantes eventos em Salvador. José Ricardo trouxe os alicerces da *Dança e Histórias de Caboclo* enquanto Nildinha revelou o poder da *Dança Afro Brasileira*, expressada com os aspectos das danças de matriz africana e da movimentação das danças de orixá, fontes de revelações do sagrado, que foram propostos a partir da contemplação da dança de uma *Onilé*, termo *yorùbá* que traduz um percurso de uma guerreira. Nildinha e Zé Ricardo são exemplos de profundos e reconhecidos trabalhos com a cultura brasileira que já são reconhecidos internacionalmente, mas que mantêm suas atuações e representações em importantes instituições de Salvador.

Divulgação do Workshop Performance de Nildinha Fonseca e José Ricardo



**Fonte:** @silvestreassociacaocultural - material de divulgação, 2021.

Sobre Nildinha Fonsêca foi escrito um artigo intitulado *Tecnologias ancestrais: saberes cultivados na dança da Mestra Nildinha Fonseca*, de autoria de Alessandra Souza<sup>27</sup> (2022), natural de Porto Alegre e que destaca alguns pontos de sua imersão e estudos com essa Mestra em Salvador:

As tecnologias ancestrais são um mecanismo espiralar que produz a continuidade dos nossos saberes e da nossa existência coletiva e individual. Essas tecnologias são a produção de conhecimento, e esses conhecimentos estão chegando até a mim através de uma variedade de possibilidades que a Mestra me proporciona. Algumas vezes após a aula no Espaço Silvestre eu acompanhava a Nildinha caminhando pelo Pelourinho até o Teatro São Miguel-sede do Balé Folclórico. (...) Nessas caminhadas pelo Pelourinho, Nildinha fazia questão de falar da importância de valorizar quem veio antes, de respeitar os mais velhos porque são eles que nos deixam o legado. E essa é uma característica muito potente nas culturas negras, a transmissão de saberes via oral. (SOUZA, 2022, p.559).

<sup>27</sup> Alessandra Santos de Souza é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pesquisadora no GINGA – Grupo Interseccional de Pesquisas em Negritude, Gênero e Arte. É investigadora da área das Artes e tem como foco os temas: culturas populares, práticas cênicas e relações étnico-raciais.

Na preciosidade de caminhar ao lado da Mestra Nildinha Fonseca do Espaço Silvestre desta associação cultural, descendo o Pelourinho em direção ao teatro que abriga as atividades do Balé Folclórico da Bahia, se revela mais do que dicas sobre dança. As tecnologias ancestrais abordadas por Alessandra Souza (2022) estão fortemente enredadas no fazer-saber corporal e nas experiências de escuta, da oralidade, de memória.

As danças negras no Brasil são marcadas pelas estratégias de resistência de um povo que reconhece na dança o reflexo da história e memória dos seus ancestrais. Essas memórias compõem a trajetória de Nildinha Fonseca enquanto artista negra brasileira que vem adotando estratégias para refutar essa convenção de que corpos pretos têm apenas dores e indignações para expressar. (SOUZA, 2022, p.557)

Numa entrevista concedida à professora Amélia Conrado<sup>28</sup> (apud SOUZA, 2022), Nildinha Fonseca declara suas estratégias para relembrar que seus ancestrais viviam como reis e rainhas, o que pode ser abordado de forma poética, entretanto, é inspirado em histórias de vida e conquistas reais. Além destes argumentos que reforçam memórias ancestrais, também se enfatiza a relevância da música ao vivo nas aulas de dança:

A importância de ter percussão ao vivo é por conta dessa conexão ancestral. Aquela membrana foi extraída de um animal, ela foi extraída de uma vida. E é o que a gente profana, o que a gente procura passar a veracidade dessa vida. Então aquela energia toda daquelas danças, daquele toque, daquela membrana, faz um link com a movimentação dos Orixás que pra mim é vida. (Entrevista concedida pela mestra Nildinha Fonseca, em 9 de novembro de 2022, apud SOUZA, 2022, p.559).

Alessandra Souza (2002) comenta, ainda, que

Apesar do rigor, da exigência técnica, muitas vezes mestra Nildinha falava para os bailarinos que para ela enquanto coreógrafa não bastava que eles soubessem mexer o quadril, ou fazer uma pirueta perfeita, ter um corpo flexível, se eles não tivessem conexão com o que estavam fazendo, conexão com os tambores sendo tocados. Saber erguer a perna até a orelha, por exemplo, é só um movimento, a dança só acontece se o bailarino está conectado com os tambores, isso é a dança negra. O tambor também é uma tecnologia ancestral que guarda memória, o tambor comunica e ao mesmo tempo conecta o presente, o passado e o futuro. (p.558-559).

<sup>28</sup> Amélia Vitória de Souza Conrado é Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA) e fez estágio pós-doutoral em Artes das Imagens e Arte Contemporânea na Universidade de Paris VIII, França. É professora do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA e líder do Grupo de Pesquisa GIRA - culturas indígenas, repertórios afrobrasileiros e populares. Recebeu o Prêmio de Professora Visitante Ilustre pelo Five College Latin American, Caribbean and Latino Studies (EUA, 2014) e por seu trabalho como coeditora e coautora da obra *Dancing Bahia: essays on afro-brazilian dance, education, memory, and race*, foi premiada pela Dance Studies Association.

Estas observações mais uma vez se conectam com a proposta de tempo espiralar que convoca ancestralidades clivadas por um tempo que retorna, restabelece e transforma (MARTINS, 2021) e são reconhecidas nos corpos-memórias de cada workshop performance das ações *Vamos Arte-cular*. Os eventos de outubro de 2021, com três duplas de artistas, em alianças de músicos e dançarinos, geraram um círculo de gratidão pelas pisadas firmes do samba, do malandro e do caboclo, como revelar de vibrações profundas da africanidade memorizada em corpos diversos.

O mês de novembro de 2021 seguiu com a intensidade de outros três eventos: Janette Santiago trouxe o workshop *Experimentos para o corpo mover*; Elísio Pita apresentou a performance *Olokun*; e Priscila Paciência, juntamente com Alysson Bruno e Renato Pereira guiaram e orquestraram o workshop performance *Caminhos do movimento – sons e ações*.

Janette Santiago<sup>29</sup> aborda como principal referência, as danças de matrizes negras e se utiliza de quaisquer estímulos que a faça mover e refletir sobre a sua existência como mulher negra mãe e artista, para propor, no seu workshop, um encontro para experimentar e sentir maneiras outras de aterrarr, fluir e dançar.

Já a performance do artista baiano Elísio Pita<sup>30</sup>, em parceria com o E-Fórum de Artes e Ideias (E-FAI), contou com a apresentação da sua magnífica obra *Olokun*, que integra Dança e Teatro Físico em linguagem contemporânea, com a utilização da simbologia da dança dos Orixás, da dança moderna, e outros elementos expressados e encenados também em vídeos. *Olokun* em alguns locais da África, a exemplo do Benin, é *Yemanjá*, divindade relacionada às águas salgadas.

Nos *Caminhos dos sons e movimentos*, três artistas: Priscila Paciência<sup>31</sup>, Alysson Bruno<sup>32</sup> e Renato Pereira<sup>33</sup>, fizeram o convite a vivenciar uma jornada guiada pelos saberes ancestrais, ativando

<sup>29</sup> Janette Santiago é mulher negra, mãe e artista da dança, atriz, educadora e orientadora corporal. Ela foi professora no programa de formação em dança e em cursos livres na Escola de Dança de São Paulo, antiga Escola de Bailados do Teatro Municipal de São Paulo, e no projeto Fábricas de Cultura Núcleo Luz e Jaçanã. É professora regular de Dança na Sala Crisantempo e desenvolve diversos processos artísticos tendo como referência principal as danças de matrizes negras.

<sup>30</sup> Elísio Pita é bailarino, coreógrafo e professor, especialista em Gestão Cultural e mestre em Artes Cênicas pela University of British Columbia, (Canadá). Com mais de 45 anos de carreira, suas atividades artísticas abrangem dança, música, teatro e cinema, num conjunto de estudos e trabalhos com renomados mestres das artes de várias partes do mundo, dentre eles: Mestre Waldemar da Paixão, Mestre King, Clyde Morgan, Lia Robatto, Maria Fux, Alvin Ailey e Maurice Bejart.

<sup>31</sup> Priscila Paciência é bacharel e licenciada em Dança e Movimento, pós-graduada em Histórias e Culturas Afro Brasileiras e Indígenas para a Educação. Bailarina, coreógrafa e professora de dança. Pesquisa a Técnica Silvestre desde 2011. É Idealizadora e Curadora do Híbrido Festival Brasileiro de Vídeodança.

<sup>32</sup> Alysson Bruno é percussionista com formação na Universidade Livre de Música, Instituto Tom Jobim. Atuou no Balé Folclórico do Estado de São Paulo como músico, bailarino, professor de música e diretor musical. Atualmente integra grupos como Duo AfroAquarela, Aláfia e Zumbiido. É diretor musical da companhia de dança Dance Migration e compositor que colabora com coreógrafos como Irineu Nogueira e Rosangela Silvestre.

<sup>33</sup> Renato Pereira é violinista formado pela Prof. Elisa Fukuda, bacharel em Música pela Faculdade Cantareira e músico que circula entre a Música Erudita e Popular Brasileira. Atualmente é solista do Trio Spalla Mundi, integra a Filarmônica Afro Brasileira (FILAFRO) e o Duo AfroAquarela, com o qual realizou turnês na Europa e América Latina. Compõe trilhas para espetáculos de dança e teatro, e é professor do curso técnico na ACARTE (Universidade Adventista).

ações pelos sons, ritmos, cânticos e simbologias dos Orixás, para possibilitar a fluidez do movimento através das mensagens narradas pela percepção e sensações do corpo. O solo da bailarina Priscila e a musicalidade do duo Afro Aquarela, composto por Alysson e Renato, integram riquezas do sagrado de matriz africana no universo da contemporaneidade em vastas possibilidades colaborativas.

Círculo de Gratidão aos Workshops e Performances de Novembro



**Fonte:** @silvestreassociacaocultural - material de divulgação, 2021.

Em dezembro, mais quatro eventos foram celebrados pela ação *Vamos Arte-cular*, quando foram convidadas: a artista Leda Maria Ornellas; o professor Denilson Oluwafemí; o trio Gilmar Sampaio, Agnaldo Fonseca e Dudé Conceição; e a Companhia de Dança *Moving Spirits Dance Company*.

No universo da *dança afro brasileira*, a ativista e Mestra Leda Ornellas<sup>34</sup> constrói uma abordagem de teoria e prática para o workshop performance *Andarilha Ancestral*, uma obra realizada em espaço aberto e fechado por entendimento da passagem da sua mãe, sua Rainha.

O professor Denilson Oluwafemí<sup>35</sup> ofereceu o seu workshop de *Fundamentos da Dança Afro Brasileira* numa condução a partir dos ritmos e elementos inseridos na cultura de raiz africana estabelecidas no Brasil, com a abordagem de princípios afrológicos, linguísticos, históricos e filosóficos, mesclados à dramaturgia das danças de Orixá sob uma perspectiva teórica-prática, para o desenvolvimento da potencialidade criativa, experiências psicomotoras e emocionais.

<sup>34</sup> Leda Maria Ornellas é mestra, artista, ativista social e pesquisadora da dança afro-brasileira na diáspora africana, além de diretora executiva do belíssimo projeto Movimento Novembro Corpo Negro 365 dias, que promove uma infinidade de ações, geralmente atreladas apenas ao mês da Consciência Negra, por todo o ano. Algumas delas podem ser acessadas no Canal do Youtube @NovembroCorpoNegro365Dias: <<https://www.youtube.com/c/NovembroCorpoNegro365Dias>>.

<sup>35</sup> Denilson Oluwafemi é coreógrafo e coordenador do Centro de Cultura e idiomas Mário Gusmão. Iniciou seus estudos em arte pelo teatro, ingressando na dança pelos mestres Augusto Omolu e Armando Pekeno.

Divulgação dos Workshops Performances de Leda Ornellas e Denilson Oluwafemí

**WORKSHOP PERFORMANCE**

DANÇA AFRO BRASILEIRA  
"ANDARILHA ANCESTRAL"

03 de Dezembro  
Dezember 03th  
12h / 12pm (BRT)



Leda Maria Ornellas



**VAMOS ARTE-CULAR**

**WORKSHOP PERFORMANCE**

FUNDAMENTOS DA DANÇA  
AFRO-BRASILEIRA

11 de Dezembro  
Dezember 11th  
15h / 3pm (BRT)



Denilson Oluwafemí



**VAMOS ARTE-CULAR**

**Fonte:** @silvestreassociacaocultural - material de divulgação, 2021.

Vale recordar que este período foi caracterizado por muitas fragilidades e muitas perdas, advindas da situação pandêmica do Coronavírus. Cura era justamente o que toda humanidade pedia e desejava naquele momento. Nesta missão, três artistas se reuniram para fortalecer esse pedido, ativados pelo poder transformador da arte, através deste workshop performance que mergulhou nas integrações do narrar, dançar e cantar mensagens ao Senhor da Cura – Obaluaiê, que representa os efeitos curativos, a quem se pode ecoar a saudação: *Atotô!* O trio de artistas era composto por Gilmar Sampaio<sup>36</sup>, Aguinaldo Fonseca<sup>37</sup> e Dudé Conceição<sup>38</sup>, se reuniram para honrar *Atotô! O Senhor da Cura*, num evento híbrido com estudantes presenciais em Salvador, na sede da Silvestre Associação Cultural. Era o princípio dos tempos de reabertura frente ao longo isolamento social enfrentado pelas pessoas mundialmente. Com a força de Obaluaiê, a Silvestre Associação Cultural se preparava para abrir as portas a um maior público presencial, que seria recebido em janeiro de 2022 para o processo de treinamento Intensivo em Técnica Silvestre.

<sup>36</sup> Gilmar Sampaio é dançarino, cantor, músico, coreógrafo, mestre de balé clássico e das danças sagradas do Candomblé. Ele foi iniciado nessa tradição sagrada por uma das sacerdotisas mais importantes do Brasil, a falecida Gayakú Hilda Jitolú, fundadora do Templo Axé Jitolú e do Ilê Aiyê. Ele recebeu o título de Babakekerê (pequeno pai, assistente do sacerdote principal) do Templo Torrundê, onde teve a oportunidade de iniciar mais de 400 devotos. É considerado um dos principais cantores de textos de canções sagradas do Candomblé. Na dança, tem uma trajetória de mais de 35 anos no Balé Teatro Castro Alves (BTCA) onde atua na companhia como dançarino, mestre de balé e assistente coreográfico.

<sup>37</sup> Aguinaldo Fonseca é Doutor Honoris Causa pela Ordem dos Capelães do Brasil, pelas ações artístico-culturais de danças afro-brasileiras. Possui Mestrado Profissional em Dança, é Especialista em Arte Educação (UFBA) e Bailarino efetivo do Balé do Teatro Castro Alves (BTCA) desde 1994. Atuou anteriormente como Dançarino do Balé Folclórico da Bahia, da Jorge Silva Companhia de Dança, e do Dance Brasil (NYC, Estados Unidos). É Coordenador do Departamento de Dança do Bloco Afro Malê Debalê e Integrante do Grupo GIRA/CNPq.

<sup>38</sup> Dudé Conceição é um Artista da Dança com uma trajetória potente e diversa. É também coreógrafo, ator e professor de dança, em especial de Dança Afro Contemporânea, aulas que geralmente são oferecidas como Cursos Livres na Escola de Dança da FUNCEB. Ele é, ainda, fundador da Casa Augusto Omolu (CAO), uma Organização Não-Governamental (ONG) que tem a missão de promover e estimular a formação de crianças e adolescentes em situação de risco.

Divulgação dos Workshops Performances de Atotô! O Senhor da Cura e Raízes Diáspora Roots

**WORKSHOP PERFORMANCE**

Dudé Conceição



ATOTÔ! O SENHOR DA CURA

Gilmar Sampaio



18 de Dezembro  
December 18th  
12h / 12pm (BRT)

Agnaldo Fonseca



**VAMOS ARTE-CULAR**



**WORKSHOP PERFORMANCE**

RAÍZES DIASPORA ROOTS

19 de Dezembro  
December 19th  
13h30 / 1:30pm (BRT)



Moving Spirits Dance Company




**VAMOS ARTE-CULAR**

Fonte: @silvestreassociacaocultural - material de divulgação, 2021.

Antes deste acontecimento, foi celebrado o workshop performance com a companhia de dança *Moving Spirits*, que abriga em si a diretora, professora, artista e escritora Tamara Williams<sup>39</sup>, grande referência da Técnica Silvestre e dos artivismos negros nos Estados Unidos. Ela é autora do livro *Giving Life to movement: the Silvestre Dance Technique* (2022), que pode ser traduzido por *Dando vida ao movimento: a Técnica Silvestre de Dança*, que se constitui na publicação mais extensa e aprofundada sobre os estudos Silvestres, disponível, por enquanto, apenas em língua inglesa. O evento *Vamos Arte-cular* de sua companhia *Moving Spirits*, ou movendo espíritos, trouxe a performance *Raízes Diaspora Roots*, em 19 de dezembro de 2021, encerrando este ano pandêmico com muita energia de renovação.

A pausa nestes eventos, em janeiro em 2022, é explicada pela exuberância com que se vive o processo de treinamento Intensivo em Técnica Silvestre, que voltou a ser realizado de maneira presencial desde agosto de 2021, seguindo todas as normatizações de segurança impostas para atividades presenciais em tempos de pandemia<sup>40</sup>. Os Intensivos de Técnica Silvestre tradicionalmente acontecem nos meses de janeiro e agosto, períodos em que Rosangela Silvestre retorna a Salvador para assumir a direção geral destes processos de treinamento.

<sup>39</sup> Tamara LaDonna Williams (Ifákémi Sàngóbámiké Mosebólátán) é natural de Augusta, Geórgia, Estados Unidos. Ela tem Bacharelado em Dança pela Florida State University e Mestrado em Dança pela Hollins University, em colaboração com The American Dance Festival, Forsythe Company e Frankfurt University (Alemanha). Tamara Williams é Professora Associada de Dança na University of North Carolina at Charlotte (UNCC) e além de ser a fundadora e diretora da companhia de dança Moving Spirits, Inc., é idealizadora e promotora do Lavagem Festival (Charlotte, EUA) e coorganizadora da Conferência Internacional sobre Tradições de Dança da Diáspora Africana (Salvador, Brasil), celebrando a diáspora africana e as comunidades indígenas por meio das artes, história e cultura negra brasileira.

<sup>40</sup> Para relembrar este período de transição do online para o presencial, e agradecer por cada janelinha que apoiou a Silvestre Associação Cultural, exaltamos cada casa, casa lar, cada pessoa, que se abriu às descobertas da Técnica Silvestre online, e compartilhamos o vídeo de corpos-memória: <<https://www.instagram.com/p/CYAgYeehLkO/>>.

O *Vamos Arte-cular* voltou a ser celebrado em fevereiro de 2022, com a participação de Kimberly Miguel Mullen<sup>41</sup> em seu workshop performance *Yemaya*, coreografia que foi desenvolvida com base nas muitas estradas de Yemanjá, uma orixá afro-caribenha/afro-brasileira que preside as águas, de modo que a dança transita dos aspectos da divindade associados às profundezas do oceano para aqueles ligados às águas rasas. Em *Yemaya*, Kimberly escolheu seguir a dança afro-caribenha/afro-brasileira de maneiras que contribuem para as tradições de dança crioula, ou culturalmente amalgamadas.

Divulgação dos Workshops Performances *Yemaya* e *Vague*



Fonte: [@silvestreassociacaocultural](#) - material de divulgação, 2022.

A última edição *Vamos Arte-cular* deste período teve como convidada Luanda Mori<sup>42</sup> com o workshop performance intitulado *Vague*, um evento híbrido que reuniu estudantes no modo presencial em Genebra, Suíça. Luanda foi uma das primeiras discípulas de Rosângela nos estudos da Técnica Silvestre e suas propostas geralmente contemplam a Técnica Silvestre e outros aspectos da dança contemporânea.

Ressalta-se que todas as ações *Vamos Arte-cular* assumiram a política de não cobrar ingressos, de forma a contemplar a participação de todas as pessoas interessadas, que podiam contribuir com doações sem valor fixo.

<sup>41</sup> Kimberly Miguel Mullen é uma artista de dança folclórica e etnóloga cultural, que contribui para um legado de dançarinos e praticantes religiosos de Cuba e do Brasil. Ela perpetua redes de herança artística e intercâmbio cultural em práticas enraizadas em expressões de dança ritual dos sistemas religiosos afro-caribenhos, inspiradas nas divindades dos Orixás, conectadas às linhagens Yoruba/Lucumi, Arara e Congo. Por meio de suas performances e workshops, ela expande o alcance das formas da diáspora africana.

<sup>42</sup> Luanda Mori é graduada em Dança pela UFBA, com estudos em dança moderna, clássica e jazz, além do aprendizado das danças das divindades afro-brasileiras com Mestre King. Ela integrou o Balé Folclórico da Bahia e outras companhias de dança contemporâneas, e sob a direção da professora e coreógrafa Rosângela Silvestre, criou o projeto Silvestre Link. Desde 2003, Luanda reside em Genebra (Suíça), onde ensina dança e ioga, e coreografa integrando influências afro e contemporâneas em suas criações.

#### **4 PROCESSO JÁ É RESULTADO E DISCUSSÃO NÃO É DISSOCIADA DA AÇÃO**

Compreende-se o processo como resultados e concebe-se que a discussão não acontece de forma dissociada, nem da vivência, nem da exposição dos acontecimentos.

Neste tópico, desvela-se certos bastidores desta escrita, com a desistência pelo entrelace direto a citações de Enrique Dussel e David Le Breton, decisão que acontece ao notar a potência do percurso destes artistas *arte-culados*, que já constituem um formidável arcabouço de existências e resistências relacionadas ao corpo na educação, argumentos que se pretendia fortalecer ao consultar esses outros autores mais difundidos em meio acadêmico. A reflexão, de manter-se próximo ao universo de artistas de notória atuação prestigiados pelas ações *Vamos Arte-cular*, é também uma posição política de valorização das referências que comunicaram pela oralidade, pela sonoridade, pela corporalidade – e não apenas pela leitura de produções escritas.

Foram *arte-culados* nesta produção mais de 30 corpos docentes e potentes, citadas muitas companhias de dança que tem trajetórias de luta e resistência, bem como alguns projetos de cada artista, que tem suas repercussões em suas comunidades, majoritariamente situadas em Salvador, Bahia, mas também com a participação de artistas de outras localidades brasileiras, além de Estados Unidos e Suíça. Nesta associação, fala-se português, inglês, francês, espanhol, o que mais acolhedor for, mas se sente a força corporal do yorùbá e das línguas originárias que se desconhece. Os encontros acontecem entre *Òró*, *Onilé* e *Olokun* que dialogam com *Yemaya*, *Roots*, *Moving Spirits* e desabrocham no corpo, no samba, no afro e em tantas outras diversidades de manifestação, onde cada dança é compreendida como singular, não como linguagem universal. A característica não-verbal não a torna universal. Nesta amostra de singularidades diversas, palavras de línguas estrangeiras, diferentes ritmos percussivos ou o simples fruir do movimento são orquestrados em experiências que conectam corpo, dança e espiritualidade.

Na produção de Lívia Costa (2008), encontra-se amparo para compreensão do corpo como espaço ritualizado de transformação, que pode ser *possuído ou preenchido* conforme o contexto religioso e social. Essa concepção se aproxima das ações descritas especialmente quando os corpos são movidos como agentes de cura, canalizadores de espiritualidades ou repositório de saberes ancestrais. Fazer ressoar essas experiências é amplificar a compreensão de corpo, sem considerá-lo apenas como suporte físico, afinal “o corpo é o operador de todas as práticas sociais” (COSTA, 2008, p.139), e, deste modo, constitui-se como encruzilhada entre memória, política, espiritualidade e processos pedagógicos ou educacionais. Neste contexto de potências decoloniais, é possível observar, em cada *Vamos Arte-cular*, que os corpos não apenas representam histórias – eles as transmitem, reconstruem e resgatam.

Neste rememorar, é louvável citar outras pessoas da *família* que estiveram na produção dos eventos de 2021 e 2022: Emilena Santos, Vanessa Oliveira, Ágata Mattos, Lucimar Cerqueira e Samantha Carvalho, dentre outras. O conceito de família na Técnica Silvestre, que foi mais amplamente discutido em Brasil e Carvalho (2022), revela que naquele

contexto de pandemia, nasce a Silvestre Associação Cultural e vivenciamos a ampliação de família da dança para outras artes, outros modos de presença. Nas ações da Associação, família não é apenas quem se encontra para dançar, mas também para pintar, desenhar, expor, ou simplesmente contemplar, estar presente, doar a própria presença. Outras possibilidades de família passam também pela família consanguínea, pela religiosa, pelas ancestralidades, lembrando inclusive a referência indígena, onde podemos entender família como toda comunidade e inclusive a terra, a natureza, a água, as plantas e animais, que são parentes! (BRASIL; CARVALHO, 2022, p.1791-1792).

Esta multiplicidade de *famílias* se aproxima de Nêgo Bispo (2021), para fazer ecoar na riqueza da oralidade que “nós somos o começo, meio e começo”, ao contar histórias sem fim com o corpo, nas quais “nossa trajetória nos move, nossa ancestralidade nos guia” (BISPO, 2021). Princípios como estes apoiam esta produção acadêmica, interligados aos círculos de infinitas descobertas da dança da Técnica Silvestre, que funcionam como inspiração para invocar a *criação de conhecimento* em ciclos de continuidade.

## 5 A CONCLUSÃO É A CONTINUIDADE

Uma caminhada ao lado de gigantes. Um desfile de potências docentes *arte-culadas* pela Mestra Rosangela Silvestre. Mestres e Mestras que muitas vezes, escolhem caminhos que não estão atrelados à Universidade e que não necessitam de títulos *Honoris Causa* para ter seus saberes reconhecidos. Estar em sala de aula com estes gigantes é constatar essa força, que aqui, vira apenas texto. Os corpos que se colocam disponíveis ao movimento, ao suor, às conexões com os tambores, aos saberes ancestrais, extraem muito mais do que essa missão descritiva possa entregar.

Contabilizar os mais de 30 artistas que tiveram seus nomes citados nas divulgações das ações *Vamos Arte-cular* também deixar passar aqueles que se apresentaram em grupo nas performances de suas companhias de dança, as pessoas que se ocuparam do minucioso preparo dos espaços em tempos de pandemia e outras que se disponibilizaram para apoiar os bastidores das reuniões online para fazer acontecer a transmissão dos eventos. Parte igualmente valiosa da família, é cada participante – de todas ou apenas uma oficina, não registrados pela formalidade de listas de frequência, mas presentes nas memórias de suas atuações dançantes, olhares afetuosa e comentários de gratidão. Mediadas pelas janelinhas do Zoom, as *inumeráveis famílias* ultrapassaram todas as fronteiras, se ampliaram e fortaleceram suas causas, corpos, comunidades e individualidades. Estar junto naqueles tempos era

um exercício de coletividade em plena pandemia. E que afortunadas se declaravam as pessoas participantes destes ciclos!

Nesta *gira* de conhecimentos, para tecer este artigo cria-se novas conexões, descobre-se *gente da gente*, que se entrelaçou às mesmas fontes e mergulhou num mesmo *profundo sagrado ancestral*. Citados discretamente, autores mais reconhecidos no meio acadêmico abriram espaço para a riqueza da dança e do que foi produzido sobre estes saberes nas Universidades nos últimos anos, o que garantiu um novo impulso a um grande salto de reconhecimento e valorização das *pratas da casa*, tão brilhantes quanto ouro ou diamantes, que serviram também de fonte bibliográfica, além de seus papéis essenciais como representantes e difusores da arte.

Apesar do forte enraizamento na cultura brasileira, diaspórica e africana, nesta coleção de pedras preciosas encontra-se não apenas as *pérolas negras* brasileiras da dança, como também a *família* se abre a outras nacionalidades, cores, gêneros, artes numa celebração de *diversidades diversas*. Na oralidade, encontra-se inspiração para brincar com palavras e criar combinações de termos que podem parecer redundantes, mas que revelam poesia, complexidade e intensões múltiplas, já que o fazer-saber estudado é mais complexo, efêmero e difícil de ser captado por palavras. O corpo é o carro-chefe dos processos educativos de cada workshop performance, seja como estudante, docente ou apoiador...

Contudo, o suor não chega diretamente às folhas de papel ou ao arquivo em pdf. Como fazer, então, para que corpos-leitores possam sentir esses movimentos e energia até transbordar? Várias oportunidades são publicadas frequentemente nas redes sociais da Silvestre Associação Cultural - @silvestreassociacaocultural – então, aqui fica o convite à continuidade e à experiência, em ações que seguem a *arte-cular* corpos e comunidades, de maneira online e/ou presencial.

Na feitura deste material, cada imagem é essencial e intencional, e guarda a consciência das infinitas possibilidades de apropriação e interpretação, assim como a contemplação de uma obra de arte. Entende-se como metodologia da escrita, a organização das estruturas que compõem cada material – rodapés, títulos, imagens – e o posicionar, redimensionar e ajustar este conteúdo para que o texto se envolva em torno dele, espera produzir um resultado que convoca os sentidos a saborear visualidades, de forma a produzir cenas de um espetáculo, com a originalidade e precisão de coreografar um texto científico. Detalhes cuidadosos que podem se perder se valorizado apenas o produto final, em detrimento do processo de composição. Assume-se que a criação do artigo acontece como os ensaios de uma coreografia, o esboço de um quadro ou o arranjo de uma peça musical. Prefere-se as metáforas artísticas, de onde se inspiram estas epistemes, onde caminhos de construção, podem se tornar *criação de conhecimento*.

Reforça-se que todas essas ações são educativas e podem ser consideradas relatos de experiência, porém sem serem minimizadas por isto, em relação a produções consideradas mais *teóricas*, o que seria reflexo colonial da dicotomia do ser, do saber e do poder. As ações aqui descritas foram planejadas com a consciência de suas inserções na pluralidade de âmbitos sociais, políticos, educacionais, artísticos, e, inclusive, científicos.

Ressalta-se, ainda, que muitas descrições de eventos, combinações poéticas e nomenclaturas, aqui utilizadas, inclusive a concepção de *workshop performance*, são criação da Mestra Rosangela Silvestre, que embora confesse produzir reflexões diariamente em seus caderninhos, pouco assina a autoria de textos científicos e prefere permanecer em anonimato nas publicações que primorosamente escreve e/ou revisa para as redes sociais, fato que não poderia deixar de ser citado, afinal, todas essas *famílias*, artistas, *associ-ações* e danças se reúnem em torno da potência desta grande matriarca.

Retomar o começo é avivar a intenção principal desta produção pautada em experiências corporais, saberes ancestrais e metodologias artísticas, que enseja demonstrar, através da valorização da dança como prática pedagógica, espiritual e política, que corpos plurais são ferramentas de educação decolonial enquanto método, memória e *(re)existência*.

### **AGRADECIMENTOS**

À Mestra Rosangela Silvestre, por todas as presenças e presentes, materiais e imateriais, que entrega como oferta em cada encontro dançante, em especial, a todo alicerce da Silvestre Associação Cultural. Às múltiplas *famílias diversas infinitas universais*.

## REFERÊNCIAS

BISPO, Nêgo. Começo, meio e começo. *Revista Revestrés*. Teresina, ed. 50, dez. 2021. Disponível em: <<https://revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco/>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

BRASIL, Marcela Botelho; CARVALHO, Rodrigo Santos. Vamos Arte-cular com a Silvestre Associação Cultural: insurgência decolonial da Dança para Arte Educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2022, edição virtual. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2022. p. 1790-1802. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2022/trabalhos/vamos-arte-cular-com-a-silvestre-associacao-cultural-insurgencia-decolonial-da-d?lang=pt-br#>>. Acesso em: 7 mai. 2025.

COSTA, Lívia Fialho. De possuído a preenchido: o corpo na trajetória da conversão. *Revista Anthropológicas*, Brasília, ano 12, v. 19, n. 1, p. 123-140, 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Vânia Silva. **Ara-Ìtàn**: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher... Orientadora: Gilsamara Moura. 2016. Dissertação (Mestrado em Dança). Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19744/1/DISSERTAÇÃO%20VÂNIA.pdf>>. Acesso em 8 mai. 2025.

SILVESTRE ASSOCIAÇÃO CULTURAL. Disponível em:<<https://www.silvestreassociacaocultura1.com/>>. Acesso em: 7 mai. 2025.

SOUZA, Alessandra Santos de. Tecnologias ancestrais: saberes cultivados na dança da Mestra Nildinha Fonseca. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2023, Brasília. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2023. p. 549-562. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/cnpd-2023/trabalhos/tecnologias-ancestrais-saberes-cultivados-na-danca-da-mestra-nildinha-fonseca?lang=pt-br#>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

SOUZA FILHO, Adinelson Farias de. **Oríkì**: memória e identidade na literatura-terreiro yorubaiana. Orientador: José Henrique de Freitas Santos. Coorientador: Félix Ayoh’Omidire. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.